

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Médicos das Forças Armadas



LUIS MACEDO/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC

O deputado federal gaúcho Pedro Westphalen (PP) manifestou apoio ao projeto de lei que permite o aproveitamento de médicos, dentistas, farmacêuticos e veterinários dispensados por excesso de contingente nas Forças Armadas pelas forças policiais estaduais. Relator da matéria, o parlamentar gaúcho argumenta que a cooperação entre a União e os estados reforçará o atendimento à saúde dos agentes de segurança pública. “A medida amplia a capacidade de resposta do Estado em emergências sanitárias e calamidades sem gerar custo extra às Forças Armadas”, avalia o deputado Westphalen.

Reconstrução da ponte na BR-116

O Ministério dos Transportes anunciou uma intervenção emergencial para recuperar a ponte sobre o Rio das Antas, no km 95,7 da BR-116, entre São Marcos e Campestre da Serra. A travessia, totalmente interditada após danos causados pelo acúmulo de vegetação trazido pela cheia, passará por obras de reforço com previsão de início até a primeira quinzena de outubro. Em paralelo às ações urgentes para desobstrução, a estrutura de concreto construída em 1975 integrará o programa Proarte, que prevê a demolição e o projeto de construção de uma nova ponte no local. Enquanto as obras não são concluídas, a orientação do Dnit para os motoristas que se deslocam entre Caxias do Sul e Vacaria é utilizar a ERS-122 como rota alternativa.

Emergência e liberação de verbas federais

O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) autorizou o repasse de R\$ 2,64 milhões em verbas para 14 municípios gaúchos atingidos por desastres climáticos, além de reconhecer a situação de emergência em Pinhal, afetada por temporais de granizo. Entre os maiores aportes liberados no Estado estão os destinados às prefeituras de Iraí (R\$ 597,6 mil), Cotiporã (R\$ 397,4 mil), Campinas do Sul (R\$ 402,5 mil somados em dois repasses) e São Domingos do Sul (R\$ 296,8 mil). Também foram contempladas as cidades de Constantina (R\$ 248,1 mil em duas liberações), Erval Seco (R\$ 287,2 mil), Giruá (R\$ 147,7 mil), Quevedos (R\$ 99 mil), Três de Maio (R\$ 57,8 mil), Rolante (R\$ 44 mil), Passa Sete (R\$ 34,2 mil), Cerrito (R\$ 15,5 mil) e Ernestina (R\$ 7 mil).

Demissão de aposentados por invalidez

O Tribunal Superior do Trabalho (TST) realizou audiência pública para discutir a possibilidade de dispensa de trabalhadores aposentados por invalidez isentos de perícias do INSS pela idade ou tempo do benefício. Durante os debates, a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) defendeu o encerramento do vínculo nesses casos. “A indefinição produz consequências concretas para a gestão dos vínculos, repercute na organização do quadro de pessoal, nas provisões dos benefícios vinculados ao contrato e na própria sucessão de funções”, sustentou o advogado Guilherme Scozziero Neto ao representar a entidade gaúcha na audiência convocada pelo relator, ministro Alexandre Ramos.

Crise climática virou

Entrevista Especial

Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

O geógrafo e climatologista Pedro Valente avalia que, nos últimos anos, as mudanças climáticas deixaram de ser um tema essencialmente científico e ambiental para se tornar um debate político e ideológico. O problema, na avaliação do pesquisador, é que “há muita ideologia que não prioriza os dados” na discussão sobre o clima.

O climatologista também entende que houve retrocessos no engajamento do mundo no combate à crise climática, especialmente a partir da saída da maior economia do mundo, os Estados Unidos, do Acordo de Paris. Um desses retrocessos foi o corte de financiamento de pesquisas relacionadas ao clima. O Acordo de Paris, assinado por 195 países, prevê uma série de medidas para diminuir a emissão de gases do efeito estufa, para a transição energética de combustíveis fósseis para energias renováveis, entre outras medidas.

Ao comentar os eventos climáticos extremos ocorridos no Rio Grande do Sul, Valente considera prioritário um sistema de informações e alertas sobre enchentes e chuvas. Ele elogia o site Clima RS e a integração entre prefeituras e defesas civis. Contudo, critica a demora na preparação do Estado para chuvas intensas, novas enchentes e ventos fortes.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Pedro Valente também explica por que o fenômeno El Niño deste ano deve manter as autoridades e a população atentas até fevereiro de 2027 - período em que há 50% de chance de o fenômeno ser “muito forte”. Ele detalha ainda como o aquecimento global intensifica esse evento climático que causa fortes chuvas no Sul do Brasil.

Jornal do Comércio - Nos últimos anos, o mundo assistiu a países como os Estados Unidos saírem do Acordo de Paris. O próprio presidente dos EUA, Donald Trump, é um negacionista em relação às mudanças

climáticas. Isso parece ter gerado uma certa desmobilização de várias outras nações em torno das medidas para mitigar o aquecimento global. Como enxerga isso?

Pedro Valente - Foi justamente isso que aconteceu nos últimos cinco anos. A crise climática deixou de ser uma questão essencialmente científica ou ambiental. Ela ganhou também um viés político, no sentido de que há muita ideologia que não prioriza os dados na discussão sobre o clima. Uma das consequências é a diminuição do financiamento para a pesquisa e mitigação das mudanças climáticas. Meteorologistas da Noruega, Suécia, Dinamarca, Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos têm reclamado de cortes nessa área. Os Estados Unidos, um país que historicamente investe muito em escritórios de meteorologia, têm demitido os pesquisadores e sucateado os projetos de pesquisa. Essa é uma realidade que o Brasil enfrenta historicamente, mas agora está se tornando global. Não existe um lado bom nisso, mas, por viver situações como essa há mais tempo, o Brasil sabe lidar um pouco melhor com isso.

JC - As mudanças climáticas se transformaram em uma crise política?

Valente - Com certeza, a crise climática se transformou em uma crise política. Mas existe gente interessada no combate às mudanças climáticas, na pesquisa científica, em mitigar a crise climática o mais rápido possível. O clima não deixa mais a gente esquecer que as mudanças climáticas estão aqui. Os eventos climáticos extremos convencem cada vez mais as pessoas. Infe-

lizmente, até então muita gente pensava: ‘ah, mas eu não vou viver isso, quem vai viver isso vai ser a geração dos meus filhos’. Agora o clima não deixa as pessoas esquecerem das mudanças climáticas.

JC - No Rio Grande do Sul, após a calamidade causada pela enchente de 2024, a preparação para eventos climáticos extremos entrou na agenda do Estado, efetivamente. Como avalia as medidas nessa área?

Valente - Sinto que o preparo para os próximos eventos extremos demorou um pouco para acontecer. Houve uma espera muito longa entre o nosso último evento extremo em maio de 2024 até agora. Parece que, enquanto não houve a ameaça de uma enchente, enquanto não houve um novo El Niño, as pessoas não trataram isso com a mesma prioridade. Mas o Estado não precisa de um El Niño para ter uma enchente. O El Niño é um dos fatores que potencializa esse risco. O Rio Grande do Sul teve diversas enchentes fora do período de El Niño. Por exemplo, em julho de 2020, houve uma enchente no Vale do Taquari e no Baixo Jacuí. Então, a preparação deveria ter começado antes.

JC - O que considera mais urgente na preparação do Estado para os eventos climáticos extremos?

Valente - Hoje existem ferramentas que monitoram o clima, como o site Clima RS, que traz informações em tempo real para o cidadão. Ele pode ver nesse portal como estão a temperatura, a chuva, o vento, o nível dos rios, da cidade onde ele mora. Isso é uma das coisas mais importan-



“A crise climática deixou de ser uma questão essencialmente científica ou ambiental, ganhou um viés político”